

## Uma análise crítica sobre a banalidade do mal de Hannah Arendt e a “holocaustização” das relações e necessidades sociais, nas imediações da cidade de Arapiraca/Alagoas

Joanine Maria dos Santos Silva(1); Jennifer Mirene Angelino Pinheiro(2);  
Itamar Torres Rocha Junior(3); Victória Maria Cavalcante Nunes(4); José Inaldo Valões(5)

(1)Acadêmica de Direito pelo Centro de Ensino Superior Arcanjo Mikael de Arapiraca. Arapiraca/Alagoas. E-mail: joanineemaria@gmail.com. Pesquisadora dos grupos de pesquisa NEAJUP/Uneal (Núcleo de Extensão, Pesquisa e Assessoria Jurídica Popular, na Universidade Estadual de Alagoas) e TEMAS ATUAIS DAS CIÊNCIAS CRIMINAIS (no Centro de Ensino Superior Arcanjo Mikael de Arapiraca).

(2)Acadêmica de Direito pelo Instituto de Ensino Superior Santa Cecília. Arapiraca/Alagoas.. Pesquisadora do grupos de pesquisa NEAJUP/Uneal (Núcleo de Extensão, Pesquisa e Assessoria Jurídica Popular, na Universidade Estadual de Alagoas).

(3)Acadêmico de Direito pela Universidade Estadual de Alagoas. Arapiraca/Alagoas.. Pesquisador do grupo de pesquisa NEAJUP/Uneal (Núcleo de Extensão, Pesquisa e Assessoria Jurídica Popular, na Universidade Estadual de Alagoas).

(4)Acadêmica de Direito pela Universidade Estadual de Alagoas. Arapiraca/Alagoas.. Pesquisadora do grupo de pesquisa NEAJUP/Uneal (Núcleo de Extensão, Pesquisa e Assessoria Jurídica Popular, na Universidade Estadual de Alagoas).

(5)Bacharel e Especialista em Direito, Professor nas Instituições de Ensino Superior IESC e CESAMA. Advogado e Pesquisador no grupo de pesquisa NEAJUP/Uneal (Núcleo de Extensão, Pesquisa e Assessoria Jurídica Popular, na Universidade Estadual de Alagoas).

### Resumo

O presente trabalho trata-se de uma análise crítica sobre a banalidade do mal de Hannah Arendt e a “holocaustização” das relações e necessidades sociais nas imediações da cidade de Arapiraca/Alagoas” é uma breve pesquisa sobre alguns dos relatos de Hannah Arendt, mais precisamente dos livros Origens do Totalitarismo (1951) e Eichmann em Jerusalém (1963). Teve como procedimento metodológico uma análise do discurso e como fonte de pesquisa as obras e os jornais ou noticiários locais como forma de analisar o conceito de banalidade do mal da autora.

**Palavras-chave:** Arapiraca. Banalidade do mal. Neonazismo. Violência. Direitos Humanos.

### Abstract

A critical analysis of the banality of evil Hannah Arendt and the "holocaustização" of relations and social needs in the immediate vicinity of the city of Arapiraca / Alagoas" is a brief survey of some of Hannah Arendt reports, more specifically, in the books The Origins of Totalitarianism (1951) and Eichmann in Jerusalem (1963). We had as methodological procedure an analysis of discourse and as a source of research works and newspapers or local news as a way to analyze the concept of banality of evil by the author.

**Keywords:** Indignation. Eichmann. Nazism.

## INTRODUÇÃO

Hannah Arendt nos trouxe a problemática de um mal banal ou, em linhas gerais, da banalidade ou banalização do mal. Em meio a um holocausto, onde seres (judeus, mais precisamente) eram considerados “refugo da terra”, “lixo humano” advindos de países de origem judia (Polônia, Dinamarca), Eichmann aparece como o Coordenador de logística do aparato nazista - regime este extremamente totalitário e, conseqüentemente, antidemocrático -, em um ambiente extremamente hierárquico e impessoal (condição esta que facilitaria seu trabalho), lugar onde as pessoas não pensavam na ordem a seguir, apenas a seguiam, como, muitas vezes, ainda o fazem hoje.

Sob um olhar leigo, Eichmann seria considerado um “verme” da sociedade ao exercitar sua profissão: Coordenador de logística do sistema nazista, tendo como função direcionar as pessoas para “os setores” sombrios, como as câmaras de gás e afins. Mas Hannah presenciou seu julgamento em Jerusalém, cobrindo as notícias pelo jornal *The New Yorker* à época, causando um tremendo escândalo por ser judia e ter a audácia de arriscar dizer que Eichmann era um cara extremamente sóbrio, um ser humano comum, todavia, banal, pois só cumpria ordens (desumanas, de fato), sem a mínima reflexão.

Pensadores como Zygmunt Bauman (Em Modernidade e Holocausto, 1998) e Hannah Arendt atentam para o conceito de holocausto diário ou banalização do mal, respectivamente. Estas conceituações, em suma, nos sugerem que não nos importamos mais com o mal generalizado, parecendo que o mal se tornou algo natural do Ser e de sua existência. Autores como os citados anteriormente causam-nos uma reflexão atual, alertando sempre para a “desbanalização” do suposto mal para que não percamos a capacidade de indignação, de indignar-se com uma sociedade onde não se tem segurança, saúde e educação plenas como no imenso Brasil, e também para que não deixemos de enxergar o outro como a nós, para que não haja segregação entre as mais diversas classes sociais, tonalidades de pele, opção sexual. Ao fazer uma pequena análise sobre os fatos, isto mostra que é um sinal de que devemos sair de nossa zona de conforto e quebrarmos os mais diversos paradigmas que banalizam a vida e, conseqüentemente, trazem a banalização do mal.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Tendo como instrumento metodológico uma breve pesquisa sobre o tema em ênfase, esta se dá pela análise do discurso das obras *Origens do Totalitarismo* (1951) e *Eichmann em Jerusalém* (1963) da autora Hannah Arendt, além de pesquisas nos noticiários locais, com vistas a perceber o discurso de ódio midiático ao banalizar o mal e ao conceber esta banalização explícita ou implicitamente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Almejando analisar o discurso de ódio midiático presente nos noticiários das imediações da Cidade de Arapiraca, parte agreste do Estado de Alagoas, é necessário ressaltar que as fontes colhidas são dos noticiários Diário Arapiraca e Minuto Arapiraca, respectivamente.

Como primeira manchete, têm-se uma situação divulgada no dia 28 de Setembro do ano de 2015:

### **Moradores denunciam vazamentos de água em ruas de Arapiraca**

Informações foram enviadas pelo WhatsApp do Diário Arapiraca; as reclamações sobre esse tipo de problema são constantes.

A população de Arapiraca continua reclamando da enorme quantidade de vazamentos de água nas ruas do município. O Diário Arapiraca segue recebendo denúncias quase todos os dias. (Fonte: diarioarapiraca.com.br)

Na tentativa de contextualizar com os escritos de Arendt, depreende-se a violência simbólica (conceito de Bourdieu) ao banalizar os conceitos de dignidade da pessoa humana (fundamento da República, artigo 1º, III, de nosso Texto Maior) e de saúde (direito social), além de um mínimo direito ao saneamento básico adequado. A corrupção arraigada (está intrínseca na população brasileira como um todo, merecendo um estudo histórico-sociológico desde as origens ou raízes para se entender a “lógica brasileira de ser”, “o jeitinho” e conceitos semelhantes) na *Terra Brasilis* consegue discrepar cada vez mais os conceitos de existência digna ao desviar verbas, ao não construir saneamento básico suficiente, ao não edificar escolas com boas estruturas... O mal se banaliza e nós não o percebemos.

Como segunda manchete a ser analisada, esta que data-se do dia 12 de Outubro do ano de 2015, têm-se uma explicitação de um dos maiores descasos ocorridos no respectivo Município de Arapiraca/Alagoas:

### **Retrato de mulheres que moram no lixão em Arapiraca**

No lixão, na comunidade Mangabeiras, em Arapiraca, há mulheres, como nós. Elas tingem o cabelo, usam vestido floral, sabem amar, usam celulares e veem TV. Elas, no entanto, não têm o que nós temos: instrução e algum dinheiro, o suficiente, ou um pouco mais, para usufruir de um bem básico: a dignidade.

No olhar de uma delas, de 42 anos, mas com aparência de 60, o sofrimento grita. Um sofrimento que ela nem tem consciência. Segura a neta, uma das quatro que já tem, enquanto os filhos pequenos brincam, em meio a moscas, a cães que se coçam sem parar, a galinhas com seus pintinhos e a muito lixo e mau cheiro. Ela diz estar acostumada em morar ali porque está no seu barraco “próprio”, sem pagar aluguel, desde 2006, quando se mudou.

**(...) Agora tem pouca gente morando nos barracos, que a parte de baixo já tem a maioria das casas com alvenaria. No entanto, como podemos fechar os olhos para pessoas, como nós, que para garantir o sustento precisam catar lixo?**

Enquanto isso, as mulheres, como nós, continuam ali. Vivendo cada dia. Cada ano. Cada nova gestação. E tudo, de novo, se repete...

( Fonte: minutoarapiraca.com.br. **Grifo nosso.**)

A autora da reportagem/manchete, Clau Soares, enfatiza, talvez sem perceber, a banalização do mal: "(...) Agora tem pouca gente morando nos barracos, que a parte de baixo já tem a maioria das casas com alvenaria. **No entanto, como podemos fechar os olhos para pessoas, como nós, que para garantir o sustento precisam catar lixo?**" (grifo nosso). Quiçá, este exemplo é uma das maiores discrepâncias ao analisarmos os mínimos conceitos de Mínimo Existencial e Dignidade da Pessoa Humana que a Constituição Federal tanto nos ensina; nesta assertiva percebe-se o mal se banalizando ao não termos coragem de nos unirmos e mudarmos esta realidade social e tantas outras que encontramos nas demais localidades de nossa Cidade, Estado, País... Parece que a capacidade de indignação inerente ao ser humano está sendo perdida, esvaída de nosso íntimo e isto é muito preocupante, pois o mundo está se tornando robótico e impessoal, corrompendo laços já corrompidos, destruindo mínimos resquícios de compaixão conosco e com os demais, sentimento tão pregado nas diversas formas de filantropia e religiosidades.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante ao que foi mencionado anteriormente, é extrema a necessidade de salutar para quebrar esses protótipos ou estalões a nós impostos, urge nos gritos dos segregados e banalizados (que isto pode acontecer conosco também) o consenso de mudanças, almejando e incitando uma sociedade muito mais atuante, que enxergue e saiba se indignar perante os problemas sociais.

### REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Origens do Totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. Companhia das Letras: São Paulo, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Tradução de Marcus Penchel. Zahar: São Paulo, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1989.

DIÁRIO DE ARAPIRACA. Disponível em: <<http://diarioarapiraca.com.br/editoria/arapiraca/-moradores-denunciam-vazamentos-de-agua-em-ruas-de-arapiraca/1/7072>>. Última consulta realizada em 14/10/15.

**REFERÊNCIAS**

DIÁRIO DE ARAPIRACA. Disponível em: <<http://minutoarapiraca.com.br/noticia/2015/10/12/retrato-de-mulheres-que-moram-no-lixo-em-arapiraca>>. Último acesso em 14/10/15.

HISTÓRIA EM PERSPECTIVA. Disponibilizado em: <[www.historiaemperspectiva.com/2014/03/a-nova-banalidade-do-mal-o-retorno-de.html](http://www.historiaemperspectiva.com/2014/03/a-nova-banalidade-do-mal-o-retorno-de.html)>. Última consulta em 14/10/15.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Acessível em: <[https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/banalidade\\_do\\_mal\\_nos\\_noticiarios.pdf](https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/banalidade_do_mal_nos_noticiarios.pdf)>. Última visualização em 14/10/15.